

TEMPO, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO NA OBRA DE DIAS GOMES (1968)

Izís Guimarães Mueller¹

Maria Aparecida Silva de Sousa (Orientadora)²

RESUMO

Com essa comunicação proponho partilhar algumas reflexões acerca da tragédia “Dr Getúlio, sua vida e sua glória”, escrita por Dias Gomes em 1968, enquanto espaço de encontro de duas temporalidades: o tempo/espaço da narrativa (o passado nacional, a Era Vargas) e o tempo/espaço da escrita (o ano de 1968 e o contexto da Ditadura Militar, tempo presente onde o escritor recupera o passado nacional). Apresentam-se, assim, os “quadros de memória” nos quais o escritor e militante filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCB), Dias Gomes, estava imerso no momento da escrita e que condicionaram o caráter e o sentido que sua narrativa atribui às ações de governo de Getúlio Vargas. A concepção, escrita e publicação desta obra revelam o passado se fazendo presente, fomentando a compreensão da conjuntura nacional. Neste texto Gomes reorganizou eventos do passado político nacional, construindo uma crítica à política do Estado Militarizado no Brasil ao mesmo tempo em que expressou uma memória partilhada pelos intelectuais nas décadas de 1960 e 1970.

Palavras-chave: Dias Gomes; Memória; História

ABSTRACT

With this communication I propose to share some reflections about the tragedy "Dr Getúlio, his life and glory", written by Dias Gomes in 1968, while a space of encounter of two temporalities: the space / time of the narrative (the national past, the Vargas period) and the space / time of writing (the year 1968 and the context of the Military Dictatorship, present time where the writer retrieves the national past). It showed, so, the "memory boards" in which the writer and activist affiliated with the Communist Party of Brazil (PCB), Gomes, was immersed at the time of writing and conditioned the character and the sense which his narrative assigns the actions of Vargas. The design, writing and publication of this work reveal how the past becomes present, fostering the comprehension of the national situation. In this text Gomes reorganized national political events of the past, constructing a criticism about the policy of the militarized state in Brazil while expressed a memory shared by intellectuals in the 1960s and 1970s.

Keywords: Dias Gomes, Memory; History

O instante e o contexto

Um homem corre. De repente para e é acometido por uma confusão mental. Não sabe por que corre, nem para onde. Se está perseguindo alguém ou sendo perseguido, ou se corria apenas porque tinha pressa. E se era pressa, não sabia para o que. Sua ação não tem

¹ Especialista em História: Cultura, Política e Sociedade. Mestranda em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB). izismueller@hotmail.com

² Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

referência. Ele é apenas um homem que corre num instante eterno. No máximo de presentismo, não tem consciência de um passado e nem de um futuro que o oriente.

É este o quadro de uma das sequências do filme "Memento"³, que narra a tragédia de um homem incapaz de lembrar suas experiências recentes.

Dentre as muitas questões que a narrativa nos coloca, uma delas é a importância da memória e da imaginação na gestão do nosso agir.

Incapaz de se lembrar, "Leonard", personagem central da trama, se torna prisioneiro de suas próprias ações e de manipulações alheias sobre o seu passado.

Em "Memento" a lembrança do passado não é um fardo que pesa sobre a personagem, mas a condição que falta à sua liberdade. Sem ter como saber o que se passou, sem saber o que o motivou, o que antecedeu sua ação, a existência desta personagem é apenas ação e reflexo no instante presente.

Tal película, entendida enquanto alegoria da memória e do esquecimento, ilustra a importância de se conhecer o passado para entender o presente. O passado é o lugar da experiência, do conhecido que torna possível a ação responsável, "tomado como conhecimento, o passado não obriga e determina, mas informa a iniciativa presente tendente ao futuro" (REIS, 2011, p.6).

A não ser no plano da idealização, não existe instante autônomo desassociado de um contexto que o explique, que possibilite sua existência, bem como "não há homem em geral, vago, universal, especulativo, mas vidas determinadas", i.e., "plasmadas temporalmente" (REIS, 2011).

A memória é a condição de inserção do indivíduo no tempo, no aqui e agora que se insere entre o passado e o futuro. Por meio dela tomamos ciência do que se passou e de onde estamos. Como afirma Myrian Sepúlveda em sua obra *Memória Coletiva e Teoria Social*: "a memória está em cada passo que damos, ideias pensadas, ações realizadas. A memória está presente em tudo e em todos. Nós somos tudo aquilo que lembramos; nós somos a memória que temos" (SANTOS, 2003, p.25 e 26)

³ Realizado por Christopher Nolan (2001), o filme leva-nos a reconstruir o vertiginoso quebra cabeças de Leonard Shelby na sua incessante busca pela verdade. Leonard tem como único objetivo apanhar e punir o homem que violou e matou a sua mulher, mas está limitado por uma estranha incapacidade de formar memórias recentes devido ao violento ataque que sofreu naquele momento. Alguém que tenha conhecido, ou qualquer coisa que tenha feito depois, simplesmente desaparece da sua memória. Mas a isso não o impede de continuar, utilizando o seu próprio corpo como um bloco de notas onde várias tatuagens o ajudam a relembrar as várias peças do puzzle que vai reconstruindo. Quem são os seus amigos? Quem são os seus inimigos? Qual é a verdade? < Disponível em: <http://makingoff.org/forum/index.php?showtopic=32791&hl=memento> > Acesso em 15 de set. 2013

O passado é uma bússola capaz de orientar nossas ações. Mas ele não é estático, visto que só o acessamos através de representações, organizações e atribuições de sentido operadas no presente e "cada época mantém relações diferentes com o seu passado e futuro". O presente é o ponto de partida de toda representação. É o tempo vivido que organiza as perspectivas sobre o tempo, "é no presente que há a lembrança e a espera" (REIS, 2011).

A história, afirmou Bloch, é "a ciência dos homens no tempo", as relações humanas em suas respectivas temporalidades é matéria do historiador como também é a relação que os homens estabelecem com a temporalidade, com seu passado e o seu futuro. Investigar os usos e as manipulações de um fenômeno histórico pela memória coletiva é uma das grandes questões para compreender a formação das sociedades desenvolvidas e em vias de desenvolvimento. Nós somos o que lembramos e o que esquecemos. Como afirma Le Goff,

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e que dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da História são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1924, p.3)

Com essa perspectiva, proponho algumas considerações sobre a obra "Dr. Getúlio sua vida e sua glória", escrita e publicada por Alfredo de Freitas Dias Gomes em 1968.

Neste texto, Dias Gomes reconta fatos da vida políticos brasileiros ocorridos entre 1930 e 1954. A hipótese que busco comprovar em minha pesquisa é de que este texto revela muito mais sobre o tempo presente de seu enunciador, o período em que foi escrito do que sobre o passado que ele rememora.

"Dr. Getúlio...", escrito com a colaboração de Ferreira Gullar, é um musical de temática histórica, traz à cena o ex-presidente Getúlio Vargas e algumas de suas ações de governo. No texto, Dias Gomes construiu dois planos narrativos paralelos correlacionando o período histórico abordado (O Governo Vargas) com a dinâmica do ensaio de uma escola de samba carioca, aproximando forma (um musical) e conteúdo (o Varguismo), ambos com caráter nacional e popular.

No primeiro plano narrativo se desenrolam os conflitos internos e as brigas pela presidência dentro da escola de samba. O ex-financiador, o bicheiro Tucão, não aceita o resultado das eleições que levaram seu rival, Simpatia, à presidência. No segundo plano narrativo aparece a história narrada pelo samba enredo, ensaiado pela própria escola: a instabilidade, os conflitos e as disputas pelo poder que permeiam a vida política brasileira nos anos do governo Vargas.

Na narrativa, os dois planos se sobrepõem e se esclarecem mutuamente. O conflito central nos dois casos é a disputa pelo poder: No plano histórico é demonstrada a luta de Vargas contra o capital estrangeiro e por uma política econômica nacionalista; no outro plano a luta entre Simpatia e Tucão pela presidência da escola.

No ensaio do samba enredo, Getúlio Vargas é representado por Simpatia, o carismático presidente da escola de samba. Carlos Lacerda, jornalista e político fundador do jornal Tribuna de Imprensa, ferrenho opositor de Getúlio Vargas é descrito na obra como o grande vilão da trama política que agravou a crise do governo que culminou com o suicídio do presidente e também como o defensor dos do capital internacional. Ele é relacionado a Tucão, um bicheiro que não se conforma com o resultado das eleições que o depuseram da presidência da escola e que conspira para afastar Simpatia desta posição. É importante destacar que Tucão, o vilão da trama, é o único a fazer críticas a Vargas.

A comissão de frente é composta pelos ministros, por Tancredo Neves e Oswaldo Aranha. O capital estrangeiro, notadamente norte-americano, é representado por aves de rapina. Dentre outras associações metafóricas, a estrutura do enredo possibilita que o povo (representado pelo coro) apareça tanto como narrador como também, como personagem da trama, cujo posicionamento oscila a depender da situação, estando em alguns momentos fervorosamente a favor de Getúlio Vargas e noutros pedindo a sua cabeça. O ex-presidente é posto em cena como o mais honrado dentre os homens, aquele que via o governo como uma missão e um fardo que estava obrigado a exercer em benefício do país. Como demonstra o trecho abaixo em que Getúlio dialoga com sua filha Alzira Vargas:

- E tu sabes também que eu fiz tudo para que isso não acontecesse. Só aceitei mesmo quando vi que, se não voltasse, eles iam destruir o que ainda resta da minha obra. A legislação trabalhista, a siderurgia e tudo o mais. Voltei só para defender isso. Mas não queria. Como não quis ser chefe da Revolução de 30. Como não quis ser ditador em 37. (GOMES, 1992.p. 62) ⁴

O texto denuncia a presença norte-americana na política brasileira e coloca Getúlio como o herói nacional que luta pela defesa das riquezas da nação contra as ambições imperialistas.

AUTOR: - Mas vamos continuar
Devo agora destacar um personagem sinistro
Da História brasileira

⁴ O texto faz referência ao limite imposto por Getúlio Vargas para a remessa de juros, lucros e dividendos frear o "vazamento da moeda brasileira para o exterior" e a "dilapidação do patrimônio nacional". produzidos no Brasil pelas empresas internacionais para o estrangeiro em até 8% ao ano. A medida objetivava ⁴ 5 io de Janeiro. Bertrand Brasil,1992. p.62

Que nem brasileiro é.
Manda mais do que ministro
E com tanta insolência
Já fez muito presidente
Entrar fácil pelo cano
Ei-lo aqui, sua excelência
O embaixador americano
Que vem com seu abre alas
Os fuzileiros navais.
EMBAIXADOR: - A Câmara protestou
Nosso povo acha uma ofensa
A lei que o senhor baixou.
O acionista que investe
Quer ter uma recompensa.
E essa o senhor tirou!
GETÚLIO: - Embaixador com licença.
Não foi esse o meu intento.
Só limitei a remessa
De lucro em 8%⁵
A exemplo de outras nações.
Não se pode permitir
Que o lucro seja mandado
Pra fora sem restrições.
Do contrário, o investimento
Estrangeiro na nação
Deixa de ser um fator
Para o desenvolvimento e se torna exploração.⁶

Ao contrário de uma abordagem crítica, o texto escrito por Dias Gomes corrobora com a manutenção da memória de Getúlio Vargas como herói popular, governante carismático, defensor do povo, herói nacional deposto por uma conspiração. O Getúlio representado por Dias é um homem que perdoou seus adversários, um governante cujo centralismo deve ser perdoado porque praticado em benefício da nação e do país, e cujas ações autoritárias (perseguições políticas, tortura, censura) não são nem mesmo citadas.

O texto não tem um caráter irônico e tampouco se trata de uma comédia, visto que, no conceito aristotélico, a comédia é "a imitação de homens inferiores naquilo que eles têm de torpe e ridículo" (ARISTOTELES, 1973. p.447)⁷ "Dr. Getúlio, sua vida e sua glória", é claramente um encômio. Um elogio à memória do estadista, que é representado como um homem de caráter superior, o próprio herói trágico, infeliz sem o merecer.

5 io de Janeiro. Bertrand Brasil,1992. p.62

GOMES, Dias. *Os espetáculos musicais* (Vargas, As primícias, O rei de ramos). Coleção Dias Gomes. Vol.4-⁶

GOMES, Dias. *Op. cit.*, p 72

⁷ ARISTOTELES. *Poética*. Coleção os pensadores. 1 ed. 1973.p. 447.

Trata-se, portanto, de uma tragédia, "da imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada" (ARISTOTELES, 1973. p.447).⁸ Um mito uno e verossímil, elaborado por Dias Gomes ao escolher ações específicas e as ordenar dando-lhes sentido. Construindo, através da imitação destas ações, o caráter da narrativa e do herói trágico Getúlio Vargas.

"Lembrar o passado e escrever sobre ele já não podem ser consideradas atividades inocentes" afirma Burke (1992) ao argumentar que a seleção consciente e inconsciente, a interpretação e a distorção do passado não são ações de indivíduos isolados. Miriam Sepúlveda (2003, p.32) diz ainda que "é importante aceitarmos que há varias formas de lidar com o passado e que todas elas envolvem interesse, poder e exclusões".

A obra "Dr Getúlio..." narra as ações de uma personagem da História política nacional. No entanto, é uma ficção que ao recuperar o passado tem compromissos distintos aos de um trabalho historiográfico. Sua análise revela não o tempo da narrativa, mas o tempo da escrita; não a Era Vargas em si, mas como ela foi reconstruída posteriormente e os fatores que condicionaram esta representação.

Do ponto de vista da memória, Maurice Halbwachs assinalou que "a memória de um falecido nunca se imobiliza" (1968, p.74), e no que se refere a Getúlio Vargas esta afirmação mostra-se bastante apropriada. De fato, nos 58 anos após a morte do ex-presidente sua memória foi reelaborada sob diferentes aspectos por jornais, revistas, eventos públicos e outros suportes artificiais que contribuíram para a perpetuação desta personagem histórica no imaginário nacional (FERREIRA, 2006).

Os governos Vargas, seu nome e sua fama deixaram traços profundos no pensamento nacional. Marieta de Moraes Ferreira, pesquisadora associada do CPDOC, define a memória de Getulio Vargas como uma memória em disputa, analisa as diferentes reconstruções da memória do estadista nos períodos políticos que sucederam sua morte e afirma que a memória de Getúlio tem influência viva nos rumos políticos do país. Segundo a pesquisadora, o período de ditadura militar foi um contexto em que a memória de Vargas foi tratada abertamente de modo negativo pelo discurso oficial.

Não é de se espantar que a deposição em março de 1964 de seu principal herdeiro, o presidente João Goulart, e o afastamento da cena política de um grande número de partidários do PTB e do PSD - partidos cuja origem está diretamente ligada a Vargas - tenham proporcionado uma conjuntura negativa para o cultivo de sua memória. Os militares que tomaram o poder em 1964 apresentaram-se como aqueles que iam pôr fim à era Vargas (FERREIRA, 2006, p.3)

⁸ ARISTOTELES.Op.cit.,p.447

É nesta conjuntura política - ditadura militar - que Dias Gomes elabora em seu texto "Dr Getúlio..." uma homenagem carnavalesca ao estadista. Diferentemente de como abordou a mesma personagem histórica anos depois em sua autobiografia *Apenas um subversivo* (1998). Neste texto, Gomes descreve Vargas como um ditador autoritário e o compara a Hitler e Mussolini, bem como narra conflitos com a repressão e censura Varguista.⁹ As características da representação de Getúlio Vargas inscritas na obra aqui analisada não podem ser explicadas unicamente como resultado da vontade individual de Dias Gomes. Tratam-se na verdade de representações coletivas, do senso comum que se construiu sobre a memória do estadista.

A arte, ainda que goze de certa liberdade quando comparada a outras metodologias de representação do real, não é um discurso gratuito e deslocado do momento presente em que se inscreve. Autor e obra são resultado-síntese de um contexto, de uma trajetória de inter-relações que, se não os determina, sem dúvida os condiciona.

Para recorrer à literatura como fonte histórica é preciso compreender o texto em sua temporalidade, daí que as questões colocadas nesta pesquisa objetivam investigar quais os possíveis condicionadores da representação de Getúlio Vargas na obra de Dias Gomes. Quais os quadros de memória em que este autor estava inserido?

Dias Gomes: entre a Arte e a Política

Dias Gomes (1922-1999) foi um artista/intelectual que atuou na indústria midiática brasileira entre as décadas de 1940 e 1990. Trabalhando nos diversos segmentos desta indústria (rádio, literatura, teatro, televisão e cinema) teve de negociar e adequar sua produção a constrangimentos bastante rigorosos de ordem política, temática, cênica, moral e comercial (SACRAMENTO,2012).¹⁰ Além disso, vivenciou alterações políticas e institucionais ocorridas na história do Brasil no século XX. Testemunhou o período autoritário (1937-1945) e o período democrático e desenvolvimentista (1937-1945) da Era Vargas, os vinte anos de ditadura militar e o novo processo democrático aberto em 1985, sendo perseguido e censurado pela repressão de duas ditaduras (GOMES, 1998)¹¹

⁹ "Estou sendo espancado por dois policiais da ditadura! (...) Talvez seja morto por eles, como outros já o foram pela polícia de Felinto Muller! Essa é a ditadura fascista de Vargas, tão fascista como as de Mussolini e Hitler."(GOMES,1998, p.98)

¹⁰ SACRAMENTO, Igor Pinto. *Nos tempos de Dias Gomes: a trajetória de um intelectual comunista nas tramas comunicacionais*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação - ECO, 2012.

¹¹ GOMES, Dias. *Apenas um subversivo*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil,1998

Concomitante à sua trajetória como dramaturgo, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) entre os anos de 1945-1973, o que lhe fez vivenciar distintos momentos do partido em relação aos seus intelectuais e às suas diretrizes culturais. Em autobiografia escrita em 1998, Gomes se define como um subversivo desde a juventude, um contestador do autoritarismo e das explorações e opressões sociais. Um homem engajado com as questões políticas de seu tempo e que não se calou diante da repressão (GOMES, 1998). Não deixa de ser significativo o fato de ter sido filiado ao PCB por 18 anos e de ter permanecido no partido mesmo depois da divulgação do relatório Kruschew em 1956⁶¹²

A relação entre o PCB e os intelectuais filiados ao partido não é simplista e não pode ser explicada como a reprodução das diretrizes ditadas pela Internacional Comunista. Palamartchuk, ao dissertar sobre a composição e a identidade do Partido Comunista Brasileiro, descreve o PCB como um partido policlassista e que abrigou interesses políticos distintos. Tanto a tese desta autora,¹³ que investiga a relação entre os escritores, o Estado brasileiro e o comunismo entre as décadas de 1920 e 1950, quanto os estudos de Marcelo Ridenti,¹⁴ que investigam o papel político e o posicionamento dos artistas e intelectuais brasileiros nas décadas de 1960 e 1970, convergem em dois aspectos importantes: A constituição da ideia de nação e povo é questão central na vida pública brasileira, principalmente no século XX. A produção cultural brasileira esteve a serviço da construção da identidade nacional e a mediação entre produção cultural e política é fundamental para compreender a construção da nação brasileira. O nacionalismo e a defesa das liberdades democráticas se apresentaram como elemento unificador da produção cultural dos intelectuais comunistas no Brasil.

Demonstrar como tais aspectos estão presentes na obra do Dias Gomes é uma de minhas proposições de pesquisa.

Em 1968, um elogio a Vargas é uma crítica romântica à Ditadura Militar

¹² De acordo Palamartchuk: "a divulgação do relatório contendo os crimes da chamada era Stalinista, no XX Congresso das PCUS em 1956, abalou os alicerces da relação dos intelectuais com o Partido Comunista Brasileiro. Com isso muitos artistas, escritores e intelectuais deixaram o PCB." (1997.p.02)

¹³ PALAMARTCHUK, Ana Paula. Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil 1928-1948. Campinas, SP, 2003.

Michael Löwy e Robert Sayre são os formuladores do conceito "Romantismo revolucionário" que caracteriza uma visão de mundo crítica à modernidade capitalista e burguesa, "uma recusa resignada à aceitação do presente burguês" (LOWY, 1995, p.56) através de uma nostalgia em relação ao passado, onde os verdadeiros valores humanos estariam salvaguardados, e uma esperança num futuro, onde seriam rompidas as barreiras impostas pelo capitalismo. De modo que "a lembrança do passado serve como arma para lutar pelo futuro" (LOWY, 1995, p.44). Marcelo Ridenti utilizou este conceito para caracterizar a produção artística brasileira realizada entre a década de 1950 e início da década de 1970 como uma resposta e uma crítica aos moldes do desenvolvimento capitalista. Segundo Ridenti, a brasilidade revolucionária "resultou da construção coletiva de diversos agentes sociais, comprometidos com projetos de emancipação dos trabalhadores ou do povo a partir de experiências de vida e de lutas descontínuas ao longo do século XX, no processo de modernização da sociedade" (RIDENTI, 2010, p.10).

As obras deste período apresentam uma valorização das possibilidades de transformação e de construção de um novo mundo por um novo homem. Porém, o modelo deste "homem novo" estava no passado, no homem do povo com raízes rurais.

A questão da identidade nacional e política do povo brasileiro estava recolocada, buscava-se ao mesmo tempo recuperar suas raízes e romper com o subdesenvolvimento, o que não deixa de ser um desdobramento à esquerda da chamada era Vargas, proponente do desenvolvimento nacional com base na intervenção do Estado (RIDENTI, 2004, p.84)

A escrita da obra "Dr Getúlio, sua vida e sua glória" é uma atitude "romântico revolucionário" à moda brasileira. Dias Gomes rememora Getúlio Vargas e exalta sua política nacional desenvolvimentista e suas ações econômicas centralizadoras e protecionistas em contraposição à política econômica instaurada durante o Regime Militar. Trata-se de uma crítica contra o presente concreto e histórico em que o autor estava imerso. Esta é a hipótese que proponho investigar na pesquisa de mestrado intitulada "Memória, Arte e Política: Getúlio Vargas na obra de Dias Gomes" em fase inicial de desenvolvimento.

Referências

ARISTOTELES. **Poética**. Coleção os pensadores. 1 ed. 1973.p. 447.

- BURKE, Peter. **A história como memória social** In: O mundo como teatro- Estudos de antropologia histórica. Lisboa. 1992.
- GOMES, Dias. *Os espetáculos musicais* (Vargas, As primícias, O rei de ramos). Coleção Dias Gomes. Vol.4- Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1992.
- GOMES, Dias. **Apenas um subversivo**- Rio de Janeiro. Bertrand Brasil,1998
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. 1968. Tradução: Laurent Léon Shaffter. 4ª Edição. Editora Revista dos Tribunais LTDA. São Paulo 1990
- LOWY, Michael. **Romantismo e política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1993.
- LOWY, M; SAYRE, R. **Revolta e Melancolia** - O romantismo na contramão da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1995.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*.Tradução: Yara Aun Khoury.PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC - SP. (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, SP. 1981
- OLIVEIRA. Marcio de. **O conceito de representações coletivas: uma trajetória da Divisão do trabalho às Formas elementares**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 13, n. 22 p. 67-94, jul./dez. 2012.
- PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil 1928-1948**. Campinas, SP, 2003.
- REIS, José Carlos. **O tempo histórico como "representação intelectual"** Revista de História e Estudos Culturais, v. 8, ano VIII, n°2, ISSN 18076971.
- RIDENTI, Marcelo. **Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960**. Tempo Social, Revista de sociologia da USP, v.17. N°1.2004
- _____**Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____**Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- SACRAMENTO, Igor Pinto. *Nos tempos de Dias Gomes: a trajetória de um intelectual comunista nas tramas comunicacionais*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação - ECO, 2012.
- SANTOS, Myrian Sepulvera dos. **Memória coletiva e teoria social**. SP. Annablume, 2003.
- VILAÇA, Pablo. **Amnésia 2001**. Crítica publicada em jan. 2012. Disponível em: > Acesso em 15 de set. 2013.